

# Fundamentalismo Islâmico e Terrorismo

José Arthur Alves da Cruz Rios\*

**Resumo:** Reprodução de palestra realizada em 14 de março de 2002, no auditório do IGHMB, o artigo identifica o terrorismo como um método, uma estratégia de desarticulação e desestabilização do poder e considera o fundamentalismo islâmico como a grande força que emerge contra a civilização ocidental. Examina aspectos do islamismo e do seu subproduto, o fundamentalismo, para explicar o terrorismo, entendido este como problema internacional e reconhecido como sintoma da crise do Estado nacional e da própria noção de sabedoria.

**Palavras-chave:** Terrorismo, Islamismo, fundamentalismo.

Os ataques de 11 de setembro de 2001 ao *World Trade Center*, em Nova York, e ao Pentágono abriram um rasgão na trama já esgarçada das relações internacionais e, sobretudo, na segurança interna do Estado mais poderoso da terra. Não que representasse caso isolado. Hoje vemos, em perspectiva, que foi precedido por uma série de atentados, de sucesso variado, que não lograram senão atenção imediata e casual quando, na realidade, representavam elos numa cadeia sinistra.

Os atentados ao *World Trade Center* apenas dramatizaram e levaram ao paroxismo acontecimentos cuja seriação e sentido precursor não foram devidamente ava-

liados. Entre outros, a bomba que explodiu o edifício em Oklahoma City (1995) matando e ferindo centenas de pessoas; a ameaça de bomba no túnel *Holland*, em Nova York, que também partiu de militantes muçulmanos; o assassinato do Primeiro-Ministro israelense Yitsluk Rabin por judeus radicais em Israel; as explosões provocadas no quartel de fuzileiros e na Embaixada norte-americana em Beirute (1983); e o ataque ao complexo da Força Aérea Americana em Ryalte dez anos mais tarde. Recentemente, o envenenamento por gás tóxico distribuído por uma seita japonesa, a *Aum Shūrikyō*, no metrô de Tóquio (1995). Sem falar nos contínuos atentados promovidos pelo IRA e pelo ETA, na Inglaterra e na

\* Sociólogo, sócio honorário do IGHMB.



Professor Doutor José Arthur Alves da Cruz Fios ao pronunciar sua palestra.

Espanha, os seqüestros e explosões de aeronaves, como a que abateu o avião da *Panam* em Lockerbie, Escócia, em 1988; o terrorismo suicida levado a efeito por palestinos contra judeus em Jerusalém e os atentados da mesma origem em Paris na década de 1980 e, de novo, na de 1990; e somente computando os atentados de massa que atingiram mais de cem vítimas e mataram 2.236 pessoas.<sup>1</sup> O atentado contra o *World Trade Center*, em setembro, fez entre duas e três mil vítimas;

Todos esses episódios parecem brotar da árvore do anarquismo que frondejou precisamente na *belle époque*, alimentou atentados contra cabeças coroadas e chefes de Estado, provocando, o que não é pouco, a Primeira Grande Guerra. Todavia, o novo Terror pouco tem a ver com anarquismo, assim como nada semelhante demonstra o militante terrorista de hoje

com o anarquista do começo do século, personagem de romances de Conrad ou de Henry James.

Já agora, o terrorismo é um método, uma estratégia de desarticulação das instituições e desestabilização do poder. Nesse sentido, não pode ser considerado movimento social ou político. É até anti-social e antipolítico. Meramente instrumental, sua identificação com qualquer ideologia, tipo de Estado ou partido, seita ou facção religiosa, é acidental, não essencial. O que têm em comum esses atentados é sua imprevisibilidade, sua violência e a vitimação de pessoas indefesas, sem relação direta com a causa que o Terror aparentemente combate – velhos, crianças, mulheres grávidas – todos sem participação direta na militância, colhidos pelo petardo ou na onda do gás letal. Por isso, o terrorismo é racional apenas na sua mecânica, na sua tecnologia; profundamente irracional na finalidade.

Mudou a problemática do Terror agora entendido e encarado como problema in-

<sup>1</sup> Falkenrath, Richard et. al. – *America's Achilles Heel*, Cambridge, MIT, 2001, p. 47.

ternacional, além de representar aspecto agudo da crise do Estado nacional e da própria noção de soberania. Problemas de blocos e de hegemônias no sentido de Gramsci cedem lugar a imprevistas alianças. Dão-se as mãos Estados cultural e politicamente distantes, até competitivos e antagônicos, como Rússia, China, Estados Unidos, Índia e Japão, sem falar nos países do Mercado Comum Europeu e da América Latina. Viu-se o próprio Secretário de Estado norte-americano sair pelo mundo negociando acordos e tratados, visitando países, alguns de dúbia lealdade e fria acolhida.

O terrorismo é, enfim, denunciado e reconhecido *urbi et orbe* como inimigo comum. E o fundamentalismo islâmico emerge como a grande força contra o Ocidente, vale dizer, contra a civilização, onde quer que ela se implantou e propugou sua tecnologia, seus hábitos de convívio, suas ideologias. Longe estamos de Marx e Lenin e de suas concepções da luta de classes encarnadas em Estados. O historiador católico inglês Hilaire Belloc escrevia na década de 1920, em livro expressivamente intitulado *As Grandes Heresias*, que a ameaça maior ao Ocidente residia não no *perigo amarelo* – na época obsessão até de alguns patricios nossos – mas na expansão do Islã. Não se referia expressamente ao fundamentalismo, mas apoiava-se nas repetidas e malogradas tentativas envidadas nos tempos modernos pelas hostes muçulmanas contra o que era a Cristandade – derrotadas, como o foram, na Idade Média, por Carlos Martel, depois por D. João d'Áustria, em Lepanto, e por Sobiesky, nos muros de Viena, já avançado o século XVII. Nessa época, o grande ini-

migo era o turco, não mais o árabe, como outrora o mouro, sempre o infiel.

Por necessidades estratégicas e diplomáticas, ou por mero bom-mocismo, insiste-se em dizer que o inimigo, a alma danada do Terror, não é o Islamismo, mas o fundamentalismo. Não é Maomé, mas Bin Laden e seus talibãs. *Hay que ver*, como dizem nossos vizinhos hispânicos. O expansionismo islâmico não é fenômeno casual e passageiro. Está na própria origem desse movimento religioso que, desde o século VIII, sempre acendeu guerras e fanatismos, subjugou a Espanha por setecentos anos, e por pouco dominou a Europa.

Não é propósito nosso, neste ligeiro ensaio, retrazar a história do Islamismo, apenas recordar alguns traços essenciais de sua formação. Seu expansionismo está na própria natureza militante, na divisão do mundo entre crentes e não-crentes, sua impregnação em todos os escalões e grupos da sociedade, o que faz dessa religião uma ideologia. Quatro ou cinco preceitos quase todos rituais, nessa crença sem dogmas, simplificam o comportamento do crente, cuja obrigação se resume ao jejum, à oração, à esmola, ao dobrar-se umas tantas vezes na direção de Meca, e a acudir ao chamado do muezim para a Guerra Santa. Trata-se de uma religião sem estrutura eclesástica, organizada em torno de intérpretes, os homens da Lei que deletreiam o Corão, sobretudo aberta ao profetismo, cuja aparição errática e imprevista dá ensejo à formação de seitas e grupos conflitantes. Isso desde seus primórdios, desde o "racha" inicial entre xiitas e sunitas, presentes nas atuais seitas islâmicas.

O Islamismo, como toda religião na modernidade, sofreu o embate de vasto processo de secularização. O mundo islâmico recebeu-o através de três forças de grande poder: a tecnologia, o nacionalismo e o marxismo. Esses movimentos encontraram recepção diversa, gerando defasagens e resistências e, também, hegemônias e arcaísmos. A Turquia foi precursora, graças à revolução de Kemal Atatürk, que europeizou a sociedade turca, como se dizia na década de 1920, até eliminando o uso do véu. Abalou os velhos costumes, revolveu o país atrasado, humilhado e vencido, mas não abriu mão da crença essencial da identidade nacional. O movimento panislâmico do primeiro pós-guerra foi um indício dessa constante, como as tentativas obstinadas, após a Segunda Guerra Mundial, de refazer a unidade islâmica, e a busca de um líder capaz de encarnar essas aspirações, ora Komeiny, ora Kadafi, ora Sadam Hussein – ou Bin Laden.

Hoje, a globalização é traduzida no mundo islâmico como imperativo de união. E sua principal bandeira é o fundamentalismo. O termo é de origem ocidental.<sup>2</sup> Representa a tendência em toda religião de volta às origens, de retorno a fontes tidas como mais puras e originais, no caso do Islã, mais próximas à palavra do Profeta. Religião militar e militante em sua origem, não abre espaço para ecumenismos, nem mesmo para

o Cristianismo e o Judaísmo, dos quais tomou vários elementos. Não se esqueça que o Corão foi ditado a Maomé pelo anjo Gabriel, palavra a palavra; sua interpretação só pode ser literal, sem discussão ou interpretações histórico-críticas. É a última, imutável palavra de Deus que superou a Torá hebraica como os Evangelhos. A *jihad*, a guerra santa, e a *da'wa*, a chamada adesão ao Islã permanecem válidas, outrora contra o colonialismo, hoje contra os Estados Unidos e o sionismo. Este, particularmente, constitui o principal inimigo, bem como as potências ocidentais que o apoiam. O mundo muçulmano não pode se resignar à desastrosa divisão da Palestina e, principalmente, à perda de Jerusalém e dos lugares santos do Islã, as mesquitas de Omar e de Al-Aqsa, em mãos dos israelenses.

O nacionalismo e, hoje, o socialismo em suas diversas modalidades, preenchem o vácuo ideológico da crença islâmica, de certa maneira orientando a vocação expansionista e guerreira desses povos. “Os muçulmanos”, diz um manual marroquino, “estão cansados. Deus os provou com o colonialismo e o sionismo.”<sup>3</sup> Por tudo isso, o diálogo com o Islã é extremamente difícil. Por sua vez, todos os países que recebem imigrantes de língua árabe herdam esses problemas, enfrentando a dificuldade de separar o cidadão muçulmano plenamente aculturado do terrorista enrustido.

Não que todos se confundam. Há que distinguir entre o islamita político e radical e o fundamentalista, que não só acredita lite-

2 O termo parece ter se originado numa série de panfletos (*tracts*) publicados nos Estados Unidos, em 1909, defendendo a absoluta infalibilidade literal da Bíblia. É corrente em certas seitas protestantes que condenam tanto a Igreja Católica como o pensamento moderno. Ver in Bullock and Brass, *Dictionary of Modern Thought*, p. 251.

3 Ap. Rosa, S. J., Giuseppe de – “O que os muçulmanos dizem hoje de Jesus e dos cristãos” em *Cultura e Fé*, n. 95, Porto Alegre, outubro 2001, p. 22-23.

ralmente na palavra do Profeta, mas a entende como preceito, como ordem a ser seguida. O fundamentalista se opõe à secularização compreendida como toda tentativa de “modernizar” a sociedade muçulmana, cujo plano, acabado e definitivo, já se encontra no livro sagrado e, ao contrário de nossa Constituição, dispensa retoques, emendas e interpretações. A política deve ser apenas um meio para atingir o fim maior de adequar a sociedade à palavra do Profeta. Dentre esses muçulmanos, apenas uma pequena fração apóia a violência política, o atentado terrorista de qualquer natureza e a guerrilha. Essa fração, no entanto, tende a crescer, na medida em que recrudescem as reações israelenses aos atentados palestinos e aumentam os desastros do Oriente e as aspirações nacionalistas crescentes se identificam com a religião islâmica.

Seria errôneo supor que os terroristas palestinos procedem das camadas destituídas e marginalizadas da população, os sem teto e sem terra. Buhalina, que ajudou a fabricar e a testar a bomba precursora que explodiu, em fevereiro de 1993, no *World Trade Center*, matando seis pessoas e ferindo milhares, era egresso da Universidade do Cairo. O xeque Omar Abdel Rahman, nascido no Egito, cego aos dez anos, que inspirou o atentado contra Anwar Sadat e refugiou-se nos Estados Unidos, onde entrou por um cochilo da Imigração, era oriundo da Universidade El Azar, das mais prestigiosas no mundo islâmico, a mais antiga universidade do mundo. Foi aí que formou seu pensamento radical. Parece ser vocação da universidade, no Ocidente, preparar terroristas marxistas, e no Oriente, fun-

damentalistas islâmicos, tipo de radicalismo que se originou no século XIV como reação às invasões mongóis. Bin Laden, por sua vez, é ou era um milionário bem-sucedido. Seus seguidores, que pilotaram o avião e o lançaram contra a torre do *World Trade Center*, egressos de escolas de voo e universitários de classe média.

Em livro que, segundo alguns autores, marca o início do fundamentalismo, o ativista egípcio Sayid Qutub, na prisão à qual fora condenado por Nasser, escreveu o que pode ser uma boa e compreensiva definição do fundamentalismo:

“O apelo fundamentalista encontra repercussão nas massas porque convida os homens a participar – contrastando com uma cultura política que os reduz a espectadores – e que lhes pede deixem suas preocupações para os governantes. Numa época em que o futuro é incerto, busca filiá-los a uma tradição que lhes dá segurança, reduz o pânico.”

O que é tanto mais válido no mundo islâmico onde não há partidos políticos nem imprensa livre, portanto, onde a vocação política encontra canais adequados de expressão.

Dai a importância da mesquita que é, também, tanto no caso da Irmandade Muçulmana como do Hamas ou do Hazbulá, uma agência de serviços sociais, de assistência médica, aconselhamento, habitação temporária e um centro de cultura. É também o território do fundamentalista. Observa apropriadamente um jornalista: “Para aqueles que valorizam a sociedade civil, é preocupante verificar que, em todo o Oriente Médio, esses grupos antiliberais

são a sociedade civil.”<sup>4</sup> E Sheri Berman, professor em Princeton, reconhece que o fundamentalismo islâmico é específico do Oriente Médio, mas sua dinâmica básica é similar à do nazismo, do fascismo, e até do populismo nos Estados Unidos (também no Brasil, acrescentaríamos), misturando ideologia de base religiosa com política e serviço social.

O ponto de partida mais recente do fundamentalismo foi a revolução comandada pelo Aiatolá Khomeiny contra o Xá do Irã. Até 1970, a maioria dos muçulmanos era analfabeta, vivia em aldeias e pequenas cidades. Logo que começaram a ler, descobriram o Islã dos fundamentalistas, uma fé não meramente tradicional, mas puritana literal, inspirada no Livro Sagrado. Khomeiny já utilizava um poderoso artefato tecnológico: o áudio-cassete. O mesmo que usou Abdel Rahman, quando circulou gravações entre os pobres do Egito, exortando-os “a bater com força e matar os inimigos de Deus para eliminar do Estado os descendentes de porcos e macacos que se alimentam na mesa do sionismo, comunismo e imperialismo.”<sup>5</sup>

De saída, o fundamentalismo atrai não as massas iletradas, mas precisamente os semiletrados, recém-chegados à mesa da modernidade, mas destituídos de poder, os burocratas e bacharéis universitários. O igualitarismo da seita é outro poderoso ímã. Todos aspiram a ser “bons muçulmanos” – o que espanta os moderados vítimas da exclusão e ostracizados por uma mino-

ria. Para isso, muito contribuem os Emirados que cultivam o *whabismo*, um fundamentalismo mitigado, de exportação, propagado através das *madrasas* ou escolas que contribuíram para manter no poder, no Paquistão, o ditador Zia ul-Haq. Numa sociedade em que as instituições políticas fracassaram, esse fundamentalismo tende a dominar o cenário.

O Islamismo não é uma religião de salvação, mas de purificação ritual, sem esforço de santificação individual. Religião originariamente feudal, de guerreiros, define o pecado como impureza ritual, desobediência aos mandamentos do Profeta, infração de etiqueta. Daí a aceitação do escravismo, da servidão, da poligamia, o desprezo e a sujeição da mulher, a simplificação das exigências religiosas – das quais praticamente sobram apenas o jejum e a obrigação da peregrinação a Meca – e a indiferença ao comportamento ético.<sup>6</sup>

A revolução iraniana demonstrou o potencial revolucionário dos pequenos grupos, mais eficazes que as massas, preconizadas por Lenin, depois, em tempos de Stalin, controladas pela mão de ferro da polícia do Estado. Para seu intento revolucionário, Khomeiny recrutou duas forças novas na sociedade iraniana: a educação e a tecnologia. Dirigiu-se aos migrantes semiletrados, oriundos do mundo rural e das vilas, que rumavam para as cidades, arrastados pelo generalizado furor consumista. O Islã dos fundamentalistas ia ao encontro desses “paus de araras” que ainda professavam uma reli-

4 *Newsweek*, 28 de setembro de 2001.

5 Heyman, Philip B. – *Terrorism and America*, Cambridge, MIT, 2000.

6 Weber, Max – *Economy and Society* (tradução), Los Angeles: University of California Press, 1978, 2 v., p. 823-27.

gião arcaica, contaminada de magia, e se sentiam atraídos por uma pregação sem temperos históricos, literalista e puritana.

Esses fundamentalistas encontravam um mundo preparado para a recepção do terrorismo. A Guerra Mundial armara o cenário da Guerra Total, quando comprometera alvos industriais e populações civis entre os objetivos da ação militar. Os bombardeios estratégicos só teoricamente distinguem entre alvos militares e civis. Na prática, essa distinção era ignorada. Mao Tsé-tung, na China, preconizava o uso da guerrilha e sustentava que "o efeito de uma ação violenta sobre os espectadores pode ser independente e até igualar ou exceder o desbarato físico infligido ao inimigo."<sup>7</sup>

Benjamin Natanyahu, líder do partido Lykud e primeiro-ministro de Israel, deixou em livro a definição: "Terrorismo é o ataque deliberado e sistemático a populações civis de modo a inspirar-lhes medo com vistas a objetivos políticos."<sup>8</sup>

A questão de Israel foi outro estímulo à violência política permanente no Oriente Médio. Frustrados pela derrota militar em 1967 e sem força ou competência para iniciar uma luta de guerrilhas contra o vencedor, os extremistas palestinos desfecharam campanha global contra Israel e seus aliados. Começaram por seqüestro de aviões e logo passaram à apreensão de reféns por toda parte, em Munique, na Ásia e na África.

A tecnologia moderna dos transportes e das comunicações entrou a ser eficientemen-

te explorada pelo Terror. O atentado era planejado em um país, financiado com recursos transferidos aleatoriamente de fontes as mais diversas e executado por agentes treinados em regiões remotas. Mais importante que os efeitos imediatos dos atentados é a sua repercussão na mídia, seu efeito de propaganda. O atentado contra os atletas israelenses em Munique foi acompanhado na telinha por quinhentos milhões de espectadores. As vítimas, não importa sejam inocentes, passam a ser meio e não fim.

As motivações dos terroristas se tornam cada vez mais complexas como intrincados seus relacionamentos internacionais. Passou-se a falar em "terrorismos" indicando especialidades e ramificações, anos atrás imprevisíveis. Não só quanto à motivação do atentado – política, étnica, religiosa, propagandística – mas quanto ao meio utilizado. Do explosivo passou-se à arma biológica e à ameaça do terrorismo nuclear. De todos, no entanto, depreendem-se certos traços comuns.

O atentado terrorista raro é praticado por um só indivíduo, fanático ou militante. Cada vez mais, é produto de uma rede, a rede do terror que reúne vários indivíduos distribuídos por vários países, agrupados por especializações ou funções. Pode ter até uma organização burocrática. A *Al Qaeda* de Bin Laden é característica. Dirigida pelo próprio, apóia-se numa espécie de conselho consultivo que controla quatro conselhos, responsáveis pelas várias atividades: (a) um comitê financeiro que controla os recursos tanto legais como ilegais necessários à manutenção da rede, a saber: a fortuna pessoal de Bin Laden, os negócios

7 Jenkins, Brian M. – "Defense against Terrorism" em *Annals of the Academy of Political Science*, 1967.

8 Ap. Heyman, op. cit., p. 4.

de propriedade do dito, mais doações e o produto do tráfico de drogas. Não é fácil retrair o percurso desses dinheiros, parte dos quais se desloca entre países mediante antigo sistema clandestino chamado *Hawala*, parte é transportado em espécie, em maletas, por homens de confiança. (b) o comitê religioso e jurídico justifica os ataques baseado na versão radical do Islã. (c) o conselho da mídia dissemina informações apoiando as atividades terroristas. E (d) o comitê militar recruta e treina combatentes, distribui armamento e coordena os atentados. Grupos de quatro ou cinco militantes espalhados no país alvo preparam o terreno para a operação terrorista, identificando e localizando o objetivo, forjando documentos e identidades, assumindo as tarefas da comunicação. Encarrega-se também de desfazer as missões suicidas.<sup>9</sup>

Não se trata, portanto, de ações isoladas, espontâneas, como as que caracterizavam os antigos anarquistas. O grupo ou o indivíduo executante dispõe sempre de poderosa e organizada retaguarda. O atentado é apenas a famosa ponta do *iceberg*.

Essa organização não exclui, todavia, o ato isolado em que o agente é movido por uma fixação patológica ou pelo impulso de uma ideologia política ou religiosa; nem o terrorista franco-atirador. Ao contrário, no dizer de uma autoridade: "Parece que a violência fora das estruturas estatais é cada vez mais perpetrada por indivíduos que se identificam nas mesmas idéias, que se reúnem para fins específicos, às vezes para co-

meter um único ataque." É o que Bruce Hoffman chama terrorismo "amador", não se referindo, é claro, à competência profissional, mas à espontaneidade não-planejada desses atentados, por isso mesmo os mais difíceis de prever.<sup>10</sup>

Foi o caso do primeiro ataque ao *World Trade Center* e à cidade de Oklahoma, levados a efeito por grupos que não pertenciam a organizações terroristas profissionais sedimentadas.

Torna-se raro, no entanto, o tipo de atentado planejado e perpetrado por um único indivíduo. O que às vezes parece iniciativa de um só protagonista fanático ou dementado, como a tentativa de assassinato contra o Papa João Paulo II, verificou-se ter sido inspiração soviética, planejada na Bulgária, com mentores e canais certos.

Reconheça-se, no entanto, que a probabilidade de aparecimento desses "amadores" aumenta com as próprias condições sociais das sociedades muçulmanas modernizadas, que minimizam a necessidade de uma base institucional. Haja vista o caso da Internet. O radicalismo das ideologias também contribui para aumentar o número de terroristas nesse categoria. Ora, segundo relatório do FBI, de 1995, são esses radicais, de frouxa vinculação às grandes organizações, que hoje representam o maior desafio do terrorismo internacional aos sistemas policiais e de justiça. Não pesa sobre eles nenhuma das coações e disciplinas impostas aos membros das organizações terroristas. É o caso dos suicidas – caso extremo do amadorismo –, que desfrutam de enorme liberdade de ação, de es-

<sup>9</sup> Dados do Instituto Internacional de Informações contra o Terrorismo, reproduzido em gráfico em *Newsweek*, 15 de outubro de 2001.

<sup>10</sup> Falkenrath, op. cit., p. 199.



colha de hora e local para o atentado, pas-sam insuspeitos na rua, no ônibus, na boate ou no café e detonam a bomba quando lhes convém e, é claro, indo com ela pelos ares. São casos extremos de terrorismo indivi-dual que só encontram antecedentes nos antigos anarquistas.

O inglês George Styles (*As bombas não têm piedade*, Londres, 1975), com a au-toridade de quem foi condecorado pela desativação de petardos na Irlanda do Norte, afirmava que, em qualquer atentado, há mais pessoas comprometidas do que os poucos que colocam a bomba, às vezes, logo deti-dos ou mortos. E enumerou os diversos desempenhos nesse teatro sinistro: (a) é o planejador que atua na retaguarda e parti-cipa na obtenção dos explosivos, detona-dores e mecanismos de disparo. Essa vas-ta operação pode ainda incluir criminosos comuns, traficantes, ladrões, contrabandis-tas de armas. Vêm em seguida (b) o mon-tador que junta as peças e camufla a bom-ba, dando-lhe aparência inocente; depois (c) o eletricitista que monta o circuito de dis-paro e, no caso de certos apetrechos mais sofisticados, acrescenta-lhe dispositivos de segurança que dificultam sua desativação e, ao mesmo tempo, simplificam a tarefa do executor ao colocá-la em funcionamento. Tudo isso é supervisionado por d) um che-fe de equipe, encarregado da operação como um todo, responsável pela implanta-ção da bomba ou, se for o caso, pela sus-pensão do atentado. A colocação no lugar designado fica a cargo de um ou dois agen-tes, isso sem falar (e) no motorista, familia-rizado com os percursos e estacionamen-tos, o momento do disparo e o caminho de

fuga. Há ainda (f) os olheiros, postados no local e que darão sinal verde para a opera-ção (g) capangas armados para segurança dos operadores, e, ainda, (h) aquele que sinaliza, por telefone ou sinal convencionado, o início do atentado.<sup>11</sup>

Atividades preliminares têm lugar nos chamados "aparelhos", imóveis destinados a acolher a organização terrorista e que exercem várias funções, conforme sua lo-calização e fins, de apoio, de base, fechado ou aberto, de moradia ou trânsito. Tudo isso evidencia a força e a fragilidade da ope-ração. À medida que se amplia o número dos participantes ela se torna mais vulnerá-vel a denúncias e vazamentos, e os relega a maior dependência do criminoso comum.

É inevitável essa dependência para ob-ter o carro roubado, a chapa fria, o local das operações, o fornecimento de armas. Representa o calcanhar de Aquiles da or-ganização terrorista por se tratar de merce-nários sem nenhum compromisso ideológi-co, motivados apenas pelo interesse do lu-cro. É precisamente nesse grupo que a po-lícia recruta seus informantes ou denunci-antes, como no bairro onde se localiza o aparelho ou o cárcere do seqüestrado.

A movimentação inusitada os denuncia, inevitável para o abastecimento dos agen-tes, seu revezamento, a transmissão de in-formação. Daí a importância da participa-ção da mulher nesses grupos, o que lhes dá uma aparência de vida doméstica normal. Isso está muito bem descrito e contado no livro do deputado Fernando Gabeira – *Que*

11 Clutterbuck, Richard. *Guerrilheiros e Terroristas* (tradução), Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980, p. 104-105.

*é isso, companheiro?* –, obra que enriquece não só a biografia do deputado como a literatura universal do terrorismo, sem falar no filme nele inspirado.

O que é verdade para o atentado à bomba é ainda mais exato para os terrorismos biológico, químico ou nuclear. Esses instrumentos de destruição maciça pressupõem requisitos e condições raramente encontradas em países do Terceiro Mundo, sobretudo naqueles que carecem de uma economia industrializada. Citem-se dois obstáculos técnicos de maior monta: o acesso a materiais atômicos para o armamento nuclear e a utilização de microrganismos patogênicos ou toxinas para armas biológicas. “A grande quantidade de agentes químicos exigidos no fabrico de armas para uso militar em larga escala é menos um obstáculo técnico que econômico ou logístico, mas, em alguns casos, impede a proliferação dessas armas.”<sup>12</sup>

Não obstante, foram usadas em alguns episódios terroristas marcantes: no emprego do gás sarin pela seita *Aum Shinrikyo* ou Suprema Verdade, no metrô de Tóquio, e que matou doze pessoas e gaseou mais de cinco mil, causando, em muitos, lesões permanentes do sistema nervoso, e a distribuição de bacilos de antrax na correspondência dos correios após os atentados de 11 de setembro, de origem ainda conjecturada ou desconhecida, em todo caso, ao que parece, doméstica.

O terrorismo no Oriente Médio e em outras regiões do mundo onde parece endêmico – Espanha, Irlanda do Norte – é a dura realidade dos nossos tempos. Apanhou

desprevenidos os historiadores e filósofos da História. Nem Spengler, nem Toynbee, para ficar nessas eminências, o incluíram entre as possíveis causas da decadência ou desintegração das sociedades civilizadas. No entanto, parece que o revolucionarismo dos séculos XIX e XX vai cedendo lugar à subversão terrorista como forma de demolição do Estado moderno ou desafio às oligarquias no Poder. É viva contestação à segurança do cidadão e às premissas da ordem política, convivência e estabilidade. Por sua vez, as inevitáveis medidas de repressão ameaçam a democracia e a manutenção aos direitos fundamentais.

Como combatê-lo? O segredo é seu grande escudo, como o anonimato de seus membros. Distingue-se o terrorista do soldado que veste uniforme e leva identificação, até do *partisan* que faz corpo visível com a causa, defendida contra o inimigo, o invasor. No nível da repressão, a organização do terror só pode ser combatida por técnicas até então usadas na espionagem, pela chamada inteligência: a infiltração e a delação.

O terrorista, ao contrário dos anarquistas russos do século XIX, da *Narodnaya Volya*, só nominalmente se identifica com uma causa nacional ou minoria oprimida. Em raros casos faz corpo com uma forma de Estado, como acontece na Líbia, de Ammar Kadafi, no Irã dos aiatolás, no Iraque de Sadam Hussein, no Afeganistão de Bin Laden e dos talibãs. Nesses casos, só a guerra fria ou quente, ou o cerco diplomático, podem combatê-lo.

Mais difícil ainda é prever e prevenir o ato terrorista concreto – a hora, o local, o

12 Falkenrath, op. cit., p. 19-86.

meio escolhido e a vítima, que pode ser qualquer um. No mito grego, Ulisses se esconde da fúria dos Ciclopes intitulando-se "ninguém". Da mesma forma, o terrorista moderno não tem nome nem rosto. Assim derrotou o poder de informação da maior nação do Ocidente, golpeando-a no coração do seu centro econômico, no atentado mais bem-planejado da História.

Especulativamente, uma forma de prevenir o atentado seria conferir identidade ao terrorista, obrigá-lo a sair da sombra do anonimato para a claridade da vida pública, ou seja, legitimá-lo politicamente, conferindo-lhe cidadania, partido, espaço de representação e expressão. Como está se tentando hoje na Colômbia e na Espanha. Seria, teoricamente, a única solução possível para o problema atual do Oriente Médio, caminho áspero, inchado de ódios e prevenções seculares, onde vêm naufragando as diversas arbitragens até agora tentadas. De qualquer modo, nesses casos, a solução não parece ser puramente militar, mas política e diplomática.

Os filósofos iluministas acreditavam que havia sido superada a época das guerras de religião substituídas pelas lutas entre Estados. Os marxistas reduziram todo conflito armado ao estalão comum da luta de classes que terminaria com a vitória do proletariado e sua sôfrega apropriação dos mecanismos do Estado. A História vai se incumbindo de demolir esses mitos.

O Oriente Médio se encarrega hoje de demonstrar que, ao contrário de desaparecer, os choques entre religiões continuam atuantes. E revela a presença de uma força psicossocial, que nem por ser invisível é menos poderosa: o fanatismo religioso.

As condições sociais, objetivas, do fanatismo podem ser múltiplas, mas todas dão ensejo a um mesmo tipo de personalidade e de comportamento psicossocial: a proliferação de um estado passional perverso, onde se somam e se deturpam elementos mentais e emocionais do dia a dia da normalidade – fé, lealdade e dedicação, fundidos, no entanto, no cadinho de uma idéia fixa. Daí resulta uma personalidade rígida, uma mente impermeável a quaisquer considerações que contrariem esse *leit motiv*, uma implacabilidade de decisões que levou um estudioso a definir o fanatismo como "entusiasmo inflamado pelo ódio."<sup>13</sup> Daí romper qualquer pacto social, hostilizar o convívio, para não falar na vida política e, o que é muito importante no mundo moderno, alimentar a fogueira do ressentimento.

Potencializado em movimentos coletivos – seja Canudos, os SS nazistas ou os talibãs – alimentado por crenças fundamentalistas, *revivals* ou renascimento de toda ordem, induzidos por líderes, chamem-se Antônio Conselheiro ou Osama Bin Laden, representam uma regressão a um passado arcaico e um retorno perigoso às alucinações do mundo mágico.

Sua presença exige o concerto de nações, a superação de interesses imediatos e a reação institucional, que vai muito além da repressão específica, mas pede reformulação das instituições sociais do Estado, e, também, da política externa, valorizando a participação na sociedade civil, a cidadania, um ideal de perfeição moral – trabalho concertado de estadistas, pais e mestres, para muitos anos.



13 Otto, M.C. – "Fanaticism" em *Encyclopedia of Social Sciences*, v. VI, Nova York, 1935, p. 91.